

Uma hipótese para um autismo¹

Sonia Alberti

Resumo

Esta proposta visa a aprofundar a temática do corpo na criança autista como objeto do discurso do psicanalista. No seminário *A lógica da fantasia*, Lacan identifica o Outro ao corpo, que, por sua vez, é por ele associado ao imaginário. Ora, no seminário *Os não tolos erram*, observa que: “O Imaginário tomado como meio, está aí o verdadeiro lugar do amor” (lição de 18 de dezembro de 1973). Na medida em que na literatura e na clínica identificamos a dificuldade da constituição do Outro em um autismo, poderíamos levantar a hipótese de que, nele, a criança que se tapa os ouvidos para se proteger do verbo, como sugere Lacan quanto a essa clínica, o faz porque Real e Simbólico estão absolutamente soltos, sem que um Imaginário, justamente o que dá corpo, os intermedeie. Nem mesmo em um nó simples, não borromeano, em que os registros ficam um do lado do outro, nem mesmo aí se entrelaçam, pois falta esse Imaginário tomado como meio, que seria o verdadeiro lugar do amor a dar corpo-consistência. Para desenvolvê-lo, também é necessário verificar de que amor Lacan está falando. Tentar avançar um pouco com o que se pode estudar na literatura e observar da clínica, quando há o desejo do analista que toma a criança como um sujeito independente de sua patologia, é não apenas procurar enriquecer a teoria da clínica em psicanálise, mas também, e talvez sobretudo, buscar meios teórico-clínicos para enfrentar os discursos que nos querem convencer da criança generalizada.

Palavras-chave:

Psicanálise; Autismo; Corpo; Identificação; R.S.I.

A hypothesis for an autism

Abstract

This proposal aims to deepen the theme of the body of the autistic child as the object of the psychoanalyst's discourse. Lacan's seminar, *The Logic of Fantasy*, identifies the Other with the body, which Lacan associates with the Imaginary. In the seminar *Les Non-dupes Errent*, he observes that “The Imaginary taken as

¹ Texto articulado aos trabalhos apresentados por ocasião do XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), “A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos”, que ocorreu em Brasília em outubro de 2024.

a means, therein lies the true place of love” (lesson of December 18, 1973). Insofar as in literature and the clinic, we identify the difficulty of the constitution of the Other in autism; we could hypothesize that in autism, the children covering their ears to protect themselves from the word, as Lacan suggests with regard to this clinic, do so because the Real and Symbolic are loose, without an Imaginary—precisely what bodies to mediate. Not even in a simple non-Borromean knot, in which the registers are next to each other, do they intertwine because this Imaginary, taken as a medium, which would be the true place of love to give body-consistency, is missing. In order to develop this, it is also necessary to ascertain which love Lacan is talking about. Trying to advance a little with the literature and with what we observe in the clinic when there is the desire of the analyst to take the child as a subject independent of their pathology is not only an attempt to enrich the theory of the psychoanalytic clinic but also, and perhaps above all, to seek theoretical-clinical means to confront the discourses that want to convince us of the generalized child.

Keywords:

Psychoanalysis; Autism; Body; Imaginary; R.S.I.

Una hipótesis para un autismo

Resumen

Esta propuesta pretende profundizar en el tema del cuerpo del niño autista como objeto del discurso del psicoanalista. En el seminario *La lógica de la fantasía*, Lacan identifica al Otro con el cuerpo, al que asocia con lo imaginario. Sin embargo, en el seminario *Los no incautos yerran* observa que “Lo Imaginario tomado como medio, ahí reside el verdadero lugar del amor” (lección del 18 de diciembre de 1973). En la medida en que en la literatura y en la clínica identificamos la dificultad de la constitución del Otro en el autismo, podríamos hipotetizar que en el autismo, el niño que se tapa los oídos para protegerse de la palabra, como sugiere Lacan a propósito de esta clínica, lo hace porque lo Real y lo Simbólico están absolutamente sueltos, sin un Imaginario, precisamente lo que da cuerpo para mediar. Ni siquiera en un nudo simple, no borromeo, en el que los registros están uno al lado del otro, ni siquiera entonces se entrelazan, porque falta ahí este Imaginario, tomado como medio, que sería el verdadero lugar del amor para dar cuerpo-consistencia. Para desarrollarlo, es necesario también ver de qué amor habla Lacan. Tratar de avanzar un poco con lo que se puede estudiar en la literatura y observar en la clínica, cuando hay un deseo por parte del analista de tomar al niño como sujeto independientemente de su patología, no es sólo un intento de

enriquecer la teoría de la clínica psicoanalítica, sino también, y quizás sobre todo, de buscar medios teóricos y clínicos para enfrentar los discursos que nos quieren convencer del niño generalizado.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Autismo; Cuerpo; Imaginário; R.S.I.

Une hypothèse sur un autisme

Résumé

Cette proposition vise à approfondir le thème du corps de l'enfant autiste comme objet du discours du psychanalyste. Dans le séminaire *La Logique du fantasme*, Lacan identifie l'Autre au corps, qu'il associe à l'Imaginaire. Dans le séminaire *Les Non-dupes errent* il observe que « L'Imaginaire pris comme moyen, c'est là le fondement de la vraie place de l'amour » (leçon du 18 décembre 1973). Alors, dans la mesure où dans la littérature et dans la clinique on repère la difficulté de constituer l'Autre dans l'autisme, on pourrait faire l'hypothèse que dans l'autisme, l'enfant qui se bouche les oreilles pour se protéger de la parole de l'Autre, comme le suggère Lacan à propos de cette clinique, le fait parce que le Réel et le Symbolique sont absolument détachés, sans que l'Imaginaire, précisément ce qui leur donne corps, y fasse médiation. Même pas un nœud simple, non borroméen, où les registres sont accolés et ne s'entrelacent pas, parce qu'y manque cet Imaginaire pris comme moyen, qui serait le vrai lieu de l'amour pour donner corps-sistance. Pour le développer, il faut aussi voir de quel amour parle Lacan. Tenter d'avancer dans ce qui peut être étudié dans la littérature et observé dans la clinique, quand il y a un désir de l'analyste de prendre l'enfant comme sujet indépendamment de sa pathologie, c'est non seulement tenter d'enrichir la théorie de la clinique psychanalytique, mais aussi, et peut-être surtout, chercher des moyens théorico-cliniques pour affronter les discours qui veulent nous convaincre de l'enfant généralisé.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Autisme ; Corps ; Imaginaire ; R.S.I.

A criança generalizada versus a criança como sujeito

Expressão que designa os sujeitos reduzidos a pedaços de corpos escrutinizados pelo discurso que se vulgarizou no início do século XX, dando esteio ao neoliberalismo, mas motivado pelas conquistas anatomofisiológicas da última parte do século XIX, como o denunciava Lacan lendo Foucault, a “criança generalizada” é uma

questão séria. Ela denuncia o risco que estamos vivendo como clínicos na cidade dos discursos e que já levava Lacan, em 1967/2001, a equivaler esses sujeitos assim designados a objetos condensadores de gozo, tais as crianças. Em *O avesso da psicanálise*, Lacan (1992, p. 61) o articula até mesmo com sua máxima de que o sujeito recebe do Outro sua própria mensagem sob forma invertida: a metade sujeito dos ditos “adultos” recebe sua própria mensagem sob forma invertida, ao ser o objeto *a* que condensa o gozo que o Outro goza, quando goza dele como objeto *a*. Ele não é a metade criança batida da fantasia — apenas no estágio que Freud (1919/2006) chama de intermediário —, mas “metade sem par da qual o sujeito subsiste” (Lacan, 1971/2001), associada à metade de frango do conto que introduziu Lacan na divisão subjetiva (cf. Lacan, 1972/2001, p. 456). Revisitando o lugar da mulher como objeto, Lacan (1969-1970, p. 90) também o diz assim: “a mulher se produz como objeto justamente não sendo o que ele (o macho) é. De uma parte, diferença sexual, da outra, ser isso a que ele renuncia como gozo”. Por isso, observa ele na sequência, é tão essencial colocarmos a questão do lugar da psicanálise na política, e, ao resgatarmos tal enfoque, damo-nos conta, por exemplo, de que as crianças são as mais sujeitas a taxionomias e segregações... TDAH, TEA, TDO...

No final de seu seminário sobre *O ato do psicanalista*, Lacan (1967-1968/2024, pp. 268 e seguintes) nos diz, justamente, que, se somos psicanalistas e não nos deixamos apenas levar pelo instinto clínico, somos convocados a observar que, por estarmos no lugar de objeto *a* no que fazemos em consequência da obra de Freud, “isso nos dará também uma maneira totalmente outra de abordar a diversidade dos casos. Talvez [o psicanalista, então,] poderá encontrar uma nova classificação clínica, distinta daquela da psiquiatria clássica” (Lacan, 1967-1968/2024, p. 272); caso contrário, apenas seguirá o que dita o discurso dominante.

Hoje, mais de meio século depois dessa lição do seminário sobre o ato, o discurso dominante já não é mais o da psiquiatria clássica, o que, aliás, Lacan já previa em 1967. Na ocasião, ele já indicava que, ao imiscuir-se no capital, a ciência produziu uma mudança de dimensão planetária, porque, ao comprometer “todas as estruturas sociais”, levou a uma “subversão sem precedentes”, cuja consequência fundamental é a cada vez maior segregação. De um lado, determinada pelos imperialismos; de outro, buscando uma solução para que as “massas humanas, devotadas ao mesmo espaço (...), permaneçam separadas” (Lacan, 1967/2001, p. 363). Eis onde surgem os diagnósticos infinitos, seguindo protocolos ditados pelos laboratórios, sem qualquer questionamento, nem no campo da saúde, nem no da educação. Ao contrário... uma mesma criança pode receber mais de um deles; aliás, com bastante frequência, imiscuem-se TDAH e TEA nos dias de hoje. Como observa Furtado (2022, p. 98): “Aqui, notamos a verdade do discurso médico jacente na corrida diagnóstica pelo TEA: a produção de uma das mais proemi-

nentes, úteis e enigmáticas categorias que servem à medicalização das condutas infantis que resistem à lógica da produção.”

Lacan, então, se pergunta: o que pode o psicanalista?

Para com ele respondermos, proponho retomar a máxima freudiana segundo a qual a criança é um perverso polimorfo (Freud, 1905/2013), o que, em termos lacanianos, podemos ler como muito apropriadamente um ser de gozo: o bebê chupa, insaciável; agita-se e pode até ser tirano; percebe-se defecando e goza com isso; olha de soslaio, porque experimenta o olhar para alguém do ver; e se liga na voz, mais do que nas palavras, buscando repeti-la sem cessar, gozando-a. Faz isso sem se preocupar com o que um adulto faria apenas em sua vida privada, “privada de quê?”, pergunta-se Lacan (1967-1968/2024, pp. 272 e seguintes), se não dessa liberdade de gozo que a criança personifica?

Como já dizia essa referência histórica no que tange à educação das crianças, ou seja, Rousseau (1772/1999), a criança goza porque é livre, e é essa sua liberdade de ser de gozo que tanto incomoda, por sempre ser demais — quando, então, aqueles que se afeitam ao discurso dominante lhe opõem os transtornos, ignorantes que são esses classificadores do fato de que o gozo não estanca por lhe ser dado um diagnóstico; ao contrário, isso costuma reforçá-lo, por não haver outra saída senão a própria identificação com o índice que lhe é imposto.

Se a psicanálise nos ensina, entre tantas outras coisas, que a liberdade é um engano, pois não há a possibilidade de eu me dizer ser sem me utilizar do Outro — donde ou eu não sou e ou eu não penso, no anti-*cogito* laciano —, ela também nos ensina que o gozo é efeito de discurso, de modo que, na clínica, seja ela com crianças ou com adultos, não só o psicanalista não toma isso como natural — como o faria Rousseau —, mas, sobretudo, aposta em outra liberdade, a de que isso se diga, de modo que, independentemente da idade, o sujeito tenha a possibilidade de dizê-lo de outro modo.

Para tanto, é necessária a transferência, pois sem ela não há clínica psicanalítica. Rousseau (1999, p. 33) também já observava: é importante que preceptor e aluno se façam amar um pelo outro. O que não é sem relação com o que Lacan (1956-1957/1994, p. 101), bem cedo em seu ensino, pôde ditar quanto à importância do dom de amor para a criança: frustrá-la na demanda para indicar-lhe a via do desejo. Somente então, como diria 15 anos depois, será possível fazer valer que eu lhe peço que recuse o que lhe ofereço, porque não é isso (Lacan, 1971-1972/2011, p. 82). Se não foi possível transmitir aquele dom de amor, não é possível depois recusar a oferta, de modo que a própria oferta de diagnósticos se torna irrecusável. Na contramão disso, “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1962-1963/2004, p. 209), e esse é, antes de mais nada, o desejo de viver, como Freud (1910/1996, p. 231) o anunciou.

Aceitemos, então, o convite retomado de Lacan em seu seminário sobre *O ato do psicanalista*: por estarmos no lugar de objeto *a* no que fazemos em consequência da obra de Freud, “isso nos dará também uma maneira totalmente outra de abordar a diversidade dos casos. Talvez [o psicanalista, então,] poderá encontrar uma nova classificação clínica, distinta daquela da psiquiatria clássica” (Lacan, 1967-1968/2024, p. 272); caso contrário, apenas seguirá o que dita o discurso dominante. E tentarei responder, a partir da questão do autismo.

O debate em torno do autismo para uma hipótese

Dos debates em torno do surgimento do termo autismo baseados no texto de Bleuler (Quinet, 1999), retomo uma observação que Luis Achilles lê em Colette Soler (1999) e que me parece preciosa: conforme seu texto (Furtado, 2012), a supressão da erótica cria um contrassenso psicanalítico, que se evidencia, por exemplo, no movimento de ligar e desligar de Stanley, caso de Margareth Mahler (1968/1977). Freud (1923/1975) conceitua Eros como *Bindung*, ligação, ou *Mischung*, intrincação pulsional. O contrassenso psicanalítico está no fato de que um conceito psicanalítico muito importante como “autoerotismo”, referente à dinâmica pulsional e à constituição do sujeito, não pode ficar reduzido a uma mera descrição do afastamento da realidade dos objetos e das outras pessoas — que é a noção transmitida pela palavra autismo. Até porque, como sabemos, a realidade é psíquica para a psicanálise e, portanto, de cada um, independentemente de esse fazer ou não laço social com objetos e outras pessoas.

Colette Soler observa que, quando “desligado”, o próprio corpo de Stanley permanece inerte, como

(...) uma espécie de “pacote de carne”. Nós diremos que inerte quer dizer inerte libidinalmente, pois seu corpo, como organismo, continua funcionando: ele respira, ele digere, ele tem boa saúde. O organismo não está em pane. É a animação libidinal o que não vai adiante. Quando ele se liga, ele se anima, mas torna-se um autômato; (...) ou bem ele é um puro vivente, sem libido, no sentido do desejo, portanto inerte, ou ele se torna uma máquina significativa, ele é maquinizado. (Soler, 1999, pp. 228-229)

Ao estudar o delírio de influência a partir da psicanálise, Almeida (2011) também observa a importância dos efeitos no corpo no contexto da esquizofrenia, como o delírio de transformação corporal da paciente de Tausk, retomada por Freud (1915/1975), para a qual a metáfora *Augenverdreher* — um significante inserido no simbólico, portanto — retorna do real. Outra paciente de Tausk “diz-se

encontrar, desde os seis anos e meio, submetida à influência de um aparelho eletrônico. Este teria sido fabricado em Berlim e teria a forma de um corpo humano, idêntico ao da doente” (Almeida, 2011, p. 121), e que “tudo que acontece com o aparelho se passa efetivamente no nível de seu próprio corpo” (Tausk, 1919/2000, p. 188). Patrick Almeida, o autor que retoma esses trabalhos, introduz sua questão apoiado no relato de um caso de Helene Deutsch. A paciente vivia em um particular delírio, de acordo com o qual seu duplo fazia sempre exatamente o contrário do que ela fazia: “Quando ela começava a trabalhar, os outros interrompiam seu trabalho e só recomaçavam quando ela parava de trabalhar. Quando ela comia, os outros ficavam em jejum. Quando ela bebia, os outros não podiam beber. Quando ela deitava, os outros se levantavam” (Deutsch, 1919/2000, p. 24). Do que se conclui que a perda dos limites do eu, articulada às moções pulsionais, testemunha um “imaginário separado do simbólico[, o que] deixa o sujeito num certo transativismo, onde não existe estrita diferença entre as impulsões de seu próprio eu e o império do mundo exterior. Depois desta fase transitória, temos o momento de regressão na psicose, causada pela influência do Outro deslocalizado” (Almeida, 2011, p. 123). A expressão “perda dos limites do eu” é de Tausk, associada por ele a uma falha ocorrida no “estádio da identificação” — “período durante o qual não existe para o homem objeto do mundo exterior, quer dizer, nem mundo exterior, nem objeto, e, por conseguinte, não existe nem eu, nem consciência do sujeito” (Tausk, 1919/2000, p. 196).

Ora, se, para aquela paciente de Tausk, o imaginário estava separado do simbólico, como se exprimiu Almeida, o que impedia a constituição do eu, no dizer de Tausk, isso não a impedia de um contato com seu médico, nem de falar, nem mesmo de gestaltizar-se em associação aos outros, seus negativos. Mas não é isso o que encontramos na clínica do autismo que chamarei de originário — distante do que hoje é identificado como da ordem de um espectro autista, muito mais espectro do que autista, diga-se de passagem. Nesse caso, não há intrusão do Outro não barrado no corpo, e, sim: “Quando ele se liga, ele se anima, mas torna-se um autômato; (...) ou bem ele é um puro vivente, sem libido, no sentido do desejo, portanto inerte, ou ele se torna uma máquina significante, ele é maquinizado” (Soler, 1999, pp. 228-229).

Na aula de 10 de maio de 1967, em seu seminário sobre a *Lógica da fantasia*, Lacan (1966-1967) explicita, com todas as letras: “O Outro, no final das contas, vocês ainda não o adivinharam, é o corpo.” Também na conferência em Genebra, nove anos depois, Lacan (1975/1985, p. 8) observa que é a imagem do corpo que capta o homem, dizemos, “capta”, e não “captura”, como, às vezes, se traduz, e que tem em francês seu correlato em “*capture*”. Não é essa palavra que Lacan usa, e,

sim, “*capte*”, capta o homem.² “Esse ponto explica muita coisa, e, inicialmente, o privilégio que o imaginário tem para ele. Seu mundo, (...) seu *Umwelt*, o que há em torno dele, ele o corporifica, ele o faz coisa à imagem de seu corpo.” E Lacan (1975/1985, pp. 8-9, tradução nossa) continua: “É pela via do olhar (...) que esse corpo assume seu peso. A maior parte, mas não tudo, do que o homem pensa se enraíza aí.” Sabemos que, na teoria dos nós, o corpo constitui o imaginário, que é o que dá corpo, como se diz, consistência; e que isso se dá pela articulação da linguagem. É efetivamente por estar na linguagem que um sujeito articula os três registros, mesmo quando essa articulação não seja borromeana — como é o caso das pacientes de Tausk. Mas, para elas, isso se dá por “influência do Outro deslocado” (Almeida, 2011, p. 123).

Conclusão

Ao contrário do que se encontra nas pacientes de Tausk, no autismo originário não há Outro e, portanto, não há corpo, esse que constitui o eu, como dizia Freud em 1923/1975, e um dos nomes do Outro é também inconsciente, o inconsciente saber — esse que trabalha na tentativa de elaborar nossas relações com as demandas e com os desejos. Se o corpo não é Outro, quem sabe os exemplos clínicos de Tausk e de Mahler — e o caso de Joey de Bettelheim também — não poderiam contribuir para pensarmos a constituição de um corpo fora do corpo, de modo que de puro significante maquinizado ele possa ser imaginarizado, para articular real e simbólico com o corpo como meio, em uma amarração que, longe de ser borromeana, não deixa de ser uma amarração? Poderíamos levantar a hipótese de que a criança que se tapa os ouvidos para se proteger do verbo, como sugere Lacan quanto a essa clínica, o faz porque Real e Simbólico estão absolutamente soltos, sem que um Imaginário, justamente o que dá corpo, os intermedeie. Nem mesmo em um nó simples, não borromeano, em que os registros ficam um do lado do outro, nem mesmo aí se entrelaçam, pois falta esse Imaginário tomado como meio, que seria o verdadeiro lugar do amor, como Lacan (1973-1974) o constrói na lição de 18 de dezembro de 1973 de seu seminário, o verdadeiro lugar do amor a dar corpo-consistência. Seria essa, então, talvez, a via para a necessária transferência, pois sem ela não há clínica psicanalítica, como dizíamos, a oferta de um corpo a construir com esse particular sujeito? Seria talvez uma resposta à pergunta de Laznik sobre se poderíamos pensar como articular na teoria dos nós a clínica do autismo originário em disjunção à clínica da psicose.

² “*L’homme est capté par l’image de son corps*” (Lacan, 1975/1985, p. 8). Segundo o dicionário online *Le Robert*, “*capter*” tem sentido de receber, compreender, realizar a captação, recolher uma energia ou fluido para utilização. Já a palavra *capture* tem o sentido de capturar, prender.

Referências bibliográficas

- Almeida, P. M. M. (2011, junho). Considerações psicanalíticas sobre o delírio de influência. *Estilos da Clínica*, 16(1), 116-131.
- Deutsch, H. (2000). Contribution clinique à la connaissance du mécanisme de la régression dans la schizophrénie. In H. Deutsch. *Les introuvables, cas cliniques et autoanalyse (1918-1930)* (pp. 22-29). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1975). Das Unbewusste. In *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 119-174). Frankfurt a.M.: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1975). Das Ich und das Es. In *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 273-330). Frankfurt a.M.: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996). Contribuciones para un debate sobre el suicidio. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. XI, pp. 231-232). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2006). “Pegan a un niño”. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. In S. Freud. *Obras completas* (1a ed., 8a reimp., Vol. XVII). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2013). Tres ensayos de teoría sexual. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. VII, pp. 109-210). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Furtado, L. A. R. (2012, janeiro-junho). “Cede-se com as palavras para logo ceder com as coisas”: observações freudianas sobre alguns mal-entendidos em torno do autismo. *A Peste*, São Paulo, 4(1), 65-74. Recuperado em 12 de março, 2025, de <https://revistas.pucsp.br/apeste/article/view/22109>
- Furtado, L. A. R. (2022, julho). Espectro do autismo: um fantasma sem mediação e a máxima garantia ao desconhecimento. *Stylus: Revista de Psicanálise*, São Paulo, (44), 93-101.
- Lacan, J. (1966-1967). *Le séminaire, livre XIV : la logique du fantasme*. Recuperado em 12 de março, 2025, de <http://staferla.free.fr/S14/S14%20LOGIQUE.pdf>
- Lacan, J. (1973-1974). *O seminário, livro 21: os não tolos erram*. Recuperado em 12 de março, 2025, de <http://staferla.free.fr/S21/S21%20NON-DUPES....pdf>
- Lacan, J. (1985). Conference a Génève sur le symptôme. In *Le Bloc-notes de la Psychanalyse*, (5), 5-23. Texte établi par J.-A. Miller. Recuperado em 12 de março, 2025, de <https://doi.org/10.3917/lcdd.095.0007>. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1994). *Le séminaire, livre IV : la relation d'objet*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (2001). Allocution sur les psychoses de l'enfant. In J. Lacan. *Autres écrits* (pp. 361-371). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1967)

- Lacan, J. (2001). *Lituraterre*. In J. Lacan. *Autres écrits* (pp. 11-20). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2001). *L'étourdit*. In J. Lacan. *Autres écrits* (pp. 449-495). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2004). *Le séminaire, livre X : l'angoisse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2011). *Le séminaire, livre XIX : ... ou pire*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (2024). *Le séminaire, livre XV : l'acte psychanalytique*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1967-1968)
- Laznik, M.-C. (2016). Peut-on penser une clinique du nœud borroméen qui distingue psychose et autisme chez le tout-petit? In M. Bergès-Bounes & J.-M. Forget (Orgs.), *Les psychoses chez l'enfant et l'adolescent* (pp. 415-437). Paris: Erès. Recuperado em 12 de março, 2025, de DOI:10.3917/eres.berge.2016.02.0415
- Mahler, M. (1977). Cas cliniques de psychose infantile. In M. Mahler. *Psychose infantile, symbiose humaine et individuation* (pp. 121-196). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1968)
- Quinet, A. (1999). A psicopatologia da esquizofrenia: Bleuler com Freud e Lacan. In S. Alberti (Org.), *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo* (pp. 79-108). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Rousseau, J. J. (1999). *Emílio ou da educação* (R. L. Ferreira, Trad.) (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1772)
- Soler, C. (1999). Autismo e paranóia. In S. Alberti (Org.), *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo* (pp. 219-232). Rio de Janeiro: Marca d'Água.
- Tausk, V. (2000). De la genèse de "l'appareil à influencer" au cours de la schizophrénie. In V. Tausk. *Œuvres psychanalytiques* (pp. 177-217). Paris: Payot & Rivages. (Trabalho original publicado em 1919)

Recebido: 19/03/2024

Aprovado: 03/04/2024